

EMANCIPAÇÃO HUMANA: possibilidades e dificuldades de alcance pela práxis acadêmica

Andréa KOCHHANN

Ândrea Carla Machado de MORAES

GT3 - Formação de Professores

Resumo: Este artigo é reflexo de um projeto de pesquisa registrado na Universidade Estadual de Goiás, que se desmembra em cinco subprojetos. O foco principal do projeto é discutir sobre a emancipação humana, seja por meio do currículo acadêmico, seja pela pesquisa e extensão, seja por grupos de estudos, seja pela relação professor e aluno ou pela tendência histórico-crítica. Subentende-se que o conjunto dessas questões favorecem a emancipação humana. É papel da universidade, em seus cursos de formação de professores, discutir sobre os paradigmas sociais e demandar diálogos para a superação da alienação social pelo mercado capitalista. É preciso fazer (re)nascer o humano no humano. Eis o percurso dessa pesquisa.

Palavras-chave: Emancipação Humana. Possibilidades e Dificuldades. Práxis Acadêmica.

Introdução

O presente projeto de pesquisa, vinculado ao GEFOP - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, da UEG, Câmpus São Luis de Montes Belos e Jussara, é um braço de uma pesquisa de doutorado em educação na UnB – Universidade de Brasília e de uma pesquisa de mestrado no MIELT – Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias e, possibilitará monografias de graduação e pós-graduação lato sensu da UEG.

O trabalho também compõe o GEPFAPE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação e Atuação de Professores/Pedagogos da Universidade de Brasília. Como o tema é emancipação humana elaborou-se como problema “Quais as possibilidades e dificuldades da efetivação da emancipação humana por meio da práxis acadêmica?”. O objetivo é apresentar as possibilidades e dificuldades da efetivação da emancipação humana por meio da práxis acadêmica. Para isso, o projeto se desmembra em cinco subprojetos.

O primeiro subprojeto visa discutir a emancipação humana pelas vias do currículo de Pedagogia e de Matemática da UEG. O segundo subprojeto visa discutir a pesquisa e extensão universitária enquanto práxis acadêmica. O terceiro subprojeto visa apresentar como os trabalhos do GEFOPi favoreceram a experiência de práxis acadêmica. O quarto subprojeto visa apresentar o processo de aprendizagem de conceitos matemáticos alicerçado no *coaching* educacional da relação professor e aluno de vínculos afetivos, de resiliência e de emancipação humana. O quinto subprojeto visa analisar a emancipação e a práxis acadêmica possibilitada pela tendência histórico-crítica.

Metodologia

Essa pesquisa qualitativa seguirá o método Materialismo Histórico Dialético. A metodologia dessa pesquisa qualitativa será bibliográfica, documental e com grupo focal. É importante salientar que essa é uma pesquisa matriz que se desdobra em cinco subprojetos e que cada um tem sua metodologia específica. Aqui apresentar-se-á um esboço das metodologias, pois os detalhes estão nos planos individuais de trabalho. O referencial teórico será em Gramsci, Marx, Saviani, Gatti, Meszaros, Silva e muitos outros. Os documentos a serem analisados são o currículo do curso de Pedagogia e de Matemática da UEG, o Plano de Desenvolvimento Institucional, as ações de extensão do Curso de Pedagogia do Câmpus São Luis de Montes Belos e de Matemática do Câmpus Jussara postadas na plataforma Pégasus e outros. A revisão da literatura ou estado da arte será utilizada pela maioria dos planos de trabalho, cada qual com seu caminho e peculiaridade. A coleta de dados sobre as contribuições do GEFOPi será com entrevistas, questionário, fotografias, história oral e outros. Observação em sala de aula quanto ao *coaching* educacional na relação professor e aluno e se necessário diário de bordo, conversas informais e entrevista. Essa temática já faz parte de estudos do GEFOPi, ao longo dos anos.

A revisão bibliográfica se pauta em livros, sendo primordial a sua pesquisa, para os objetivos da investigação proposta. Ela permite fazer pesquisa, fazer conclusões mediante a análise. Infere-se que trata de uma forma de garimpar material para a pesquisa, ou pode ser considerada como uma fonte de informações importantíssima.

A análise documental é considerada por muitos autores como sendo uma fonte que busca identificar informações factuais nos documentos a serem pesquisados, partindo de uma questão ou ainda de uma hipótese de interesse, para construir um corpus. Uma das

características da análise documental é a busca de informações em documentos que certamente não receberam nenhuma forma de tratamento científico, sendo eles os relatórios, reportagens de jornais, fotografias, revistas, filmes cartas e outros afins que conseguem ser divulgados. Outro ponto fundamental da análise documental é que elas são fontes primárias. Porém requer um cuidado maior em relação ao que vai ser pesquisado, porque esses documentos não passaram por um tratamento científico.

Emancipação humana: algumas reflexões

Discutir a questão da concepção de Marx sobre a reificação e fetiche em tempos atuais pode ser um desafio histórico ou um encontro teórico. Desafio histórico se levarmos em conta que Marx viveu no século XIX. Encontro teórico se levarmos em conta que Marx foi um teórico além do seu tempo e o que anunciava naquela época está ocorrendo com fervor em tempos atuais. Por vez para discutir a temática é preciso conceituar o ser que passa por essa situação.

O ser em questão é o humano. O ser humano precisa ser considerado em sua plenitude, enquanto um sujeito histórico e cultural, como já apresentava Marx (1979). Este sujeito é emocional e racional. Dentro de um contexto histórico esse ser humano trabalha para o seu sustento. Pelo trabalho, o ser humano, transforma a natureza e a si mesmo. Essa atividade humana o faz diferente dos outros animais. Essa diferença torna o ser humano em um ser social e político.

O homem enquanto um ser social desempenha importante papel para a engrenagem da sociedade e também para o sua (des)humanidade. O homem enquanto um ser político desempenha papel de transformador ou reproduzidor dos movimentos sócio-econômicos a medida que se posiciona politicamente. Na visão de Marx (1979) o homem deveria ser mais político. Contudo, a forma como a sociedade mascara a forte divisão de classe social faz com que o homem da massa populacional seja uma marionete nas mãos do homem da classe dominante.

Uma forma que viabiliza essa oposição entre homens é pelo trabalho. Uma classe é dona da força de trabalho e a outra classe é dona dos instrumentos de trabalho. NA busca pela sobrevivência o homem da força de trabalho muitas se submete aos mandos e desmandos do

homem dono dos instrumentos de trabalho. Mesmo tendo consciência dos abusos, o homem da força de trabalho não tem outra opção sem ser a submissão ou subordinação.

Conforme escritos de Marx (1979) é pelo trabalho que a subordinação do homem pelo homem também se firma. Dependendo da forma de subordinação ocorre o processo de reificação. Marx (1979) apresenta que o processo de reificação deve-se ao sistema capitalista cada vez mais presente na sociedade ocidental. O capitalista visa o excedente que promove o lucro. Quem lucra é o dono dos instrumentos de trabalho. Quem produz inclusive o excedente é o dono da força de trabalho. Quem usufrui da produção e do lucro não é quem produz. Isso gera a alienação no sentido de que aquilo que você produz você não desfruta.

Nessa concepção alienação está intimamente ligada a reificação e ao fetiche. Conforme Marx (2005, p. 52) “O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência.”. Assim, o homem da força de trabalho pode assumir a consciência de que essa relação de submissão é normal e que não há outra forma de sobrevivência.

A nova versão do liberalismo econômico trouxe a livre concorrência e o crescimento da iniciativa privada foi desenfreado. Em nome de uma globalização e uma sociedade do conhecimento o neoliberalismo reforça cada vez mais as diferenças de classe social. Essas questões estão postas na escola. Marx reafirmava, segundo Lombardi (2008, p. 15) “[...] a educação se convertia em instrumento de dominação ideológica, um meio para que a burguesia se consolidasse como classe hegemônica e, nessa condição, exercesse o poder.”. Com o neoliberalismo isso somente se agravaria. Marx e Engels (1977, p. 118-119):

Os homens são produto das circunstâncias e da educação [...] e de circunstâncias diferentes [...] A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como prática transformadora.

Marx (2011) já fazia menção na sua teoria e delineava o poder impactante do capital na ordem da sociedade, e como este modelo condiciona o homem à lógica da supremacia dos interesses de classes sociais. Já que a necessidade de mercado instalou-se por toda parte do globo terrestre com a exploração do mercado mundial.

Deste modo, o sistema capitalista nas suas contradições evoluiu e a educação serviu e serve como meio de viabilizar tais interesses. A dicotomia entre educação/trabalho configura

o esboço paralelo de conservação social e emancipação humana que é nitidamente um processo de reprodução e produção dos ideais da sociedade. A materialidade do sistema capitalista apresenta a predominância do poder que subjuga o homem a sua lógica coerciva.

Para Marx (2005, p. 52) “os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; estas relações de produção correspondem a um dado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais..”. Ainda afirma Marx (2005, p. 52) que “[...] não é a consciência dos homens que determina a sua existência. É, pelo contrário, a sua experiência social, que determina a sua consciência”.

Na concepção de Gramsci a formação do homem deve ser “omnilateral”, ou seja, integral, técnica e política, segundo Silva (2015). Gramsci pretende que a educação contribua na transformação de todos indivíduos em sujeitos autônomos do seu conhecimento, por sua emancipação. Uma possibilidade para essa emancipação é a unidade teoria e prática, por meio de uma “Escola do Trabalho” defendida por Gramsci (2000), visando propiciar um conhecimento crítico, autônomo, complexo, criativo e dialético, opondo-se à concepção neotecnista.

Para Gramsci (1979, p. 7) “[...] todos os homens são intelectuais”, por possuírem a capacidade que precisa ser desenvolvida. Eis o papel da escola e da universidade. Eis a importância da práxis na formação acadêmica, que possibilitará o desenvolvimento da capacidade intelectual.

Gramsci defende uma educação que possibilite uma formação que todos os homens tenham acesso ao conhecimento, superando suas necessidades e favorecendo sua emancipação perante as contradições históricas. Nessa concepção a educação propiciará uma verdadeira consciência crítica mediante processo de emancipação dos sujeitos sociais. Para Gramsci a educação é um processo contínuo e a escola e universidade são espaços para a educação humana de maneira prática. Por isso, a proposição da “Escola do Trabalho” de Gramsci sugere que os alunos vivenciem ou pratiquem concretamente o que deve ser aprendido teoricamente.

Para Schlesener (2002, p. 69) “A escola do trabalho defendida por Gramsci tinha características especiais: supunha não só a formação para o trabalho, mas a possibilidade da elaboração de uma cultura autônoma, bem diversa da cultura burguesa.”. Gramsci defende a escola do trabalho e não a escola da burguesia. Por isso a escola deveria ser pautada na prática, na ação e no fazer, com o intuito de compreender o mundo real e assim teorizá-lo e vice e versa.

Levando em consideração o papel das universidades enquanto produtoras de conhecimento, tendo em vista que sua principal função é a pesquisa, deveriam fomentar a elaboração do conhecimento para a criticidade, a emancipação e a não alienação do pensamento e das ações. Contudo, isso demanda de uma reflexão sobre o trabalho pedagógico dos professores. Meszáros (2008, p. 42) diz que “as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital.”

Na concepção de Saviani (2008) a educação tem a premissa de valorização da humanidade e da formação para a emancipação. Nesse cenário Saviani (2008, p. 93) assevera que o trabalho pedagógico deve seguir a tendência histórico-crítica, que visa “[...] compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por conseqüência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação [...]”.

Nessa linha de formação Silva (2012) apresenta que a perspectiva crítico-emancipadora apresenta a indissociabilidade teoria e prática, fundamente da práxis, enquanto a atividade humana que transforma o mundo por sua emancipação. A partir dessa compreensão que Silva (2011, p. 22) apresenta que “A concepção de formação de professores na perspectiva crítica-emancipadora busca construir a indissociabilidade de teoria e prática na práxis.”

A universidade pública precisa (re) pensar seu papel formador para romper com a conservação social e possibilitar uma formação aos acadêmicos que favoreça a emancipação dos sujeitos. Uma forma de acontecer essa formação é pela práxis acadêmica, que deve compor o currículo formativo.

Considerações finais

Intenta-se com o resultado dessa pesquisa que todos os participantes alcancem o domínio teórico sobre Marx, Gramsci, Saviani, Silva, Goodson, Sacristan, Apple, Suanno, Kochhann e Moraes, Gatti e também sobre as questões da extensão universitária brasileira. Que todos os participantes elaborem artigos e submetam a revistas especializadas e que socializem em eventos locais, regionais e nacionais. Que todos os participantes efetivem

discussões no grupo GEFOPi sobre a temática. Que os colaboradores do projeto submetam projetos de pesquisa para o mestrado e doutorado em educação. Que os leitores dos trabalhos fiquem mais conscientes de que é por meio da educação que poderemos mudar as condições sociais. Para tal a práxis deve permear o trabalho pedagógico e a tendência histórico-crítica deve ser o alicerce desse trabalho.

Referências

APPLE, M. W. Repensando Ideologia e Currículo. In: MOREIRA, Antônio Flavio; SILVA, Tomás Tadeu (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BETINI, Geraldo Antonio. **A construção do projeto político-pedagógico da escola**. 2005. Disponível em: http://www.escolapadrereus.com.br/porta/JP/JP_texto_01.pdf (Acesso em 20/11/2013)

CAVAGNARI, L.B. Projeto político-Pedagógico, Autonomia e realidade escolar: entraves e contribuições. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Escola: espaço do projeto político pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa e educação no Brasil**. Brasília – DF: Liber Livro, 2012.

GRAMSCI, A. Caderno 12 – Documento Especial. In: **História & Perspectivas** n.5. Uberlândia, 1991.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. RJ: Civilização Brasileira, 1979.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

HAHN, José Carlos; MACHADO, Evandro José. **A importância do projeto político pedagógico na educação escolar**. 2005. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/068e4.pdf>. Acesso em: 21/11/2013.

KOCHHANN, Andrea e MORAES, Ândrea Carla. Coaching educacional. In: KOCHHANN, Andrea e MORAES, Ândrea Carla. **Conhecendo a aprendizagem significativa na perspectiva de David Ausubel**. Anápolis: UEG, 2014

KOCHHANN, A. e OLIVEIRA, D. A. F. B. **A extensão na Universidade Estadual de Goiás: etapas do processo de institucionalização**. Anais do I Colóquio de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis. Anápolis: UEG, 2012.

LOMBARDI, J. C. Educação, ensino e formação profissional em Marx e Engels. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Demerval (orgs.). 2. ed. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2008.

MARX, K e ENGELS, F. **A ideologia alemã: teses sobre Feurbach**. São Paulo: Moraes, 1984.

MARX, K. e ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, Antônio, 1979.

MARX, K. **Salário, preço e lucro**. Trad. Paulo Ferreira Leite. 4 ed. São Paulo: Centauro, 2002.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/andrea/Downloads/17295-92977-1-PB.pdf>

MARX, Karl. **O capital**. 1º Tomo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a02v2876.pdf>

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Tradução: Paolo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PLATT, Adreana Dulcina; ABRAHÃO, Luana Tamara dos Santos. **Gestão escolar, currículo e PPP: análise aos eixos filosóficos fundamentais para a construção da rotina escolar**. 2005. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/educativa>

SAVIANI, D. Sistema Nacional de Educação: o lugar da educação superior. In: **EducAtiva**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 45-66, jan/jun. 2010.

SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Demerval (orgs.). **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. 2. ed. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2008.

SILVA, K.A.C.P.C. A formação de professores na perspectiva crítico-emancipadora. In: **Linhas Críticas**. Brasília, DF, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011.

SOUSA, José Vieira. Avanços e recuos na construção do projeto político pedagógico em rede de ensino. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Escola: espaço do projeto político pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

SUANNO, João Henrique. Adversidade, Resiliência e Criatividade: uma articulação oportuna? In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; DITTRICH, Maria Glória; MAURA, Maria Antônia Pujol (Orgs.). **Resiliência, criatividade e inovação: potencialidades transdisciplinares na educação**. Goiânia: UEG/América, 2013.

TAILLE, Yves De La; OLIVEIRA, Marta Kohl De; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 21 ed. São Paulo: Summus, 1992.
VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Escola: espaço do projeto político pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.